

NOTA TÉCNICA

Impactos Iniciais da greve dos caminhoneiros no Setor Agropecuário

O setor agropecuário foi um dos mais afetados pela greve dos caminhoneiros. A produção de animais, que dependia do fornecimento de ração no curto prazo, precisou reduzir seu plantel por falta de insumo. Outras culturas, como a das hortaliças e frutas, foram descartadas por não conseguirem chegar aos centros de distribuição.

Durante a greve, apesar de as grandes cidades terem sido abastecidas parcialmente pelo cinturão verde, localizados próximos a elas, faltou alimentos. Já no interior, o produtor teve maior dificuldade de abastecer o mercado das pequenas cidades pela falta de combustível. Algumas culturas sofreram com a insuficiência de insumos, outras com a impossibilidade de manter seus estoques. A produção pecuária, especialmente leite, frango de corte, suínos e ovos, foi gravemente prejudicada pela paralisação. Com o fim da greve, a recuperação do nível de produção e seus impactos sobre os preços e a renda dos produtores rurais irá variar de acordo com a cultura e a criação, bem como o reabastecimento dos centros de distribuição. Esta nota técnica tem como objetivo apresentar os impactos que inicialmente foram computados durante a greve para o setor agropecuário, de forma bem simples e sem levar em consideração os efeitos indiretos de médio prazo.

1 Leite

No setor lácteo, como a dinâmica produtiva baseia-se na ordenha diária do leite – duas a três vezes ao dia – e no armazenamento em tanques de resfriamento por até dois dias na propriedade, qualquer paralisação na logística de coleta, que hoje é feita exclusivamente por caminhões, gera impacto direto no setor. Os cinco dias de completa interrupção de coleta de leite por parte das maiores empresas de laticínios que operam no país geraram o descarte de 280 milhões de litros – de acordo com a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) – o que equivale a cerca de R\$ 360 milhões.

A maior parte dos produtores, sem a previsão de que seu leite seria coletado, e com o abastecimento de ração suspenso, diminuiu a oferta de alimento às vacas visando à redução de custos e de até um terço da oferta de leite. Esse manejo implicará problemas para a retomada da produção nos mesmos patamares anteriores à paralisação. A produção média de leite por vaca precisará de um a dois meses para ser normalizada. Além disso, os animais que se encontravam em estágio avançado de lactação – mais de duzentos dias pós-parto – acabaram sendo secos (retirados de produção), diminuindo o plantel.

Ana Cecília Kreter

Pesquisadora da Dimac/Ipea

ana.kreter@ipea.gov.br

José Ronaldo de Castro S. Junior

Diretor da Diretoria de Macroeconomia (Dimac/Ipea)

ronaldo.souza@ipea.gov.br

Jefferson Staduto

Professor Associado (UNIOESTE)

jefferson.staduto@unioeste.br

Nadja S. Menezes N. de Oliveira,

Doutoranda em Economia (UNIOESTE)

nadja_menezes@hotmail.com

Esta nota contou ainda com informações cedidas pela Superintendência Técnica da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), em especial por Paulo André Camuri e Thiago Rodrigues.

Dentro da indústria, o processo de fabricação de derivados lácteos pode ser comprometido por um tempo maior. Além de se restabelecer o fornecimento de matéria-prima, leite, há a necessidade de retomada do fluxo de abastecimento de produtos para higienização de máquinas e equipamentos, embalagens e transporte de produtos acabados até o mercado consumidor. A estimativa de algumas indústrias do setor é que esse processo demore um mês para acontecer, o que deverá afetar diretamente os preços do leite e derivados no mercado doméstico.

2 Aves e suínos

De acordo com a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), 64 milhões de aves adultas e pintainhos morreram pela falta de ração. Como a produção de aves e suínos é, em sua maior parte, integrada, a associação estima que os prejuízos cheguem a R\$ 3 bilhões, considerando as perdas de comercialização no mercado interno, animais mortos, custos logísticos e perdas nas exportações. Isso ocorreu porque o produtor não trabalha com grandes estoques de ração, sendo abastecido, em média, a cada três/cinco dias. No caso das aves, como as granjas de matrizeiros não foram afetadas, o período de recuperação do setor será de um mês a quarenta dias.

Em relação ao preço do frango no mercado doméstico, o que se observa é que ele já vinha apresentando queda desde janeiro, acumulando cerca de 20% nos primeiros quatro meses do ano. O aumento de 30% no preço nas gôndolas, estimado pela ABPA, irá recuperar essa queda. Se esse aumento se concretizar, ele não deverá se sustentar por muito tempo devido à rápida recuperação do plantel. Já no caso das exportações, o setor deixou de embarcar 120 mil toneladas de carne de aves e suínos, tendo um impacto direto na balança comercial de US\$ 350 milhões.

3 Frutas e hortaliças

De acordo com a Associação Brasileira dos Produtores Exportadores de Frutas e Derivados (ABRAFRUTAS), os segmentos de frutas e hortaliças estimam perdas de R\$ 920 milhões – R\$ 570 milhões apenas no Vale do São Francisco. Esse valor foi calculado com base nas mercadorias descartadas nas estradas e no campo. Como o ciclo das hortaliças é curto, em termos de abastecimento, já na próxima semana o consumidor terá o produto nos mercados na maior parte das cidades brasileiras.

As frutas mais afetadas foram mamão, manga, uva, goiaba e acerola, pela fragilidade e perecibilidade. Assim como as hortaliças, as frutas foram descartadas nas estradas, nos armazéns das propriedades ou ainda deixadas no pé. Além do prejuízo decorrente da não comercialização desses frutos, a CNA destacou que a maior perda poderá vir no médio prazo, em consequência do descarte inadequado.

O maior problema fitossanitário do setor é a mosca da fruta, que pode encontrar condições propícias à sua reprodução com o acúmulo de frutas maduras. Como

seu ciclo é de 21 dias, em breve será confirmado se a população de moscas cresceu. Em caso positivo, o controle cultural será substituído pelo controle químico, o que impactará no aumento do custo de produção. Em 2017, o Brasil exportou 816 milhões de quilos de frutas, equivalentes a US\$ 812 milhões.

4 Carne bovina

A greve dos caminhoneiros ocorreu no final da safra do capim, antes do período de seca, quando o setor normalmente se programa para vender o boi gordo e comprar animais de reposição. Durante duas semanas o plantel não pôde ser enviado para o abate porque os frigoríficos estavam sem movimentação de compra e venda. Para o produtor, o custo de manter o gado também é alto. A suplementação com proteinado, confinamento ou semiconfinamento precisará ser mantida até a regularização dos frigoríficos, que estão trabalhando com escala de abate alongada.

O setor, que já tinha apresentado redução das exportações no mês de abril, deixou de exportar durante a greve 40 mil toneladas, o equivalente a US\$ 170 milhões. No mercado doméstico, a expectativa é de aumento do preço no varejo da carne bovina, que dependerá bastante dos preços estabelecidos pelos frigoríficos até a normalização do abate. Se a perda com a carne de frango for confirmada, o aumento do preço da carne de boi será ainda mais acentuado para o consumidor final.

5 Considerações finais

O setor agropecuário tem contabilizado os primeiros impactos da greve dos caminhoneiros da “porteira para dentro”. Nesta nota técnica, apresentamos algumas culturas e criações que se mostraram mais sensíveis à paralisação. Para elas, o que se percebeu foi a dificuldade de se manterem os estoques e os níveis de insumos, o que acabou gerando pressão de custos para o produtor, que teve prejuízos líquidos – destaque para o frango de corte, suínos e leite.

A capacidade de repassar todos os custos para as demais etapas da cadeia dependerá da estrutura de mercado e governança de cada uma delas, já que possuem mecanismos de transmissão diferenciados. O que se observou durante a greve é que, em quase todos os segmentos, o produtor assumiu o prejuízo. Serão necessários mais alguns dias ou semanas para dimensionar os impactos reais diretos, como o fornecimento de insumos, e indiretos, como os problemas fitossanitários. Também será confirmado nos próximos dias se houve algum processo de desorganização da cadeia produtiva.

Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac)

José Ronaldo de Castro Souza Júnior – Diretor
Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti – Diretor Adjunto



Grupo de Conjuntura

Equipe Técnica:

Christian Vonbun
Estêvão Kopschitz Xavier Bastos
Leonardo Mello de Carvalho
Marcelo Nonnenberg
Maria Andréia Parente Lameiras
Mônica Mora Y Araujo de Couto e Silva Pessoa
Paulo Mansur Levy
Vinicius dos Santos Cerqueira
Sandro Sacchet de Carvalho

Equipe de Assistentes:

Augusto Lopes dos Santos Borges
Felipe dos Santos Martins
Felipe Simplicio Ferreira
Julio Cesar de Mello Barros
Leonardo Simão Lago Alvite
Renata Santos de Mello Franco
Victor Henrique Farias Mamede

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.